



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
Cidade Universitária - João Pessoa /PB



**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - ÁREA DE
APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

DEBORA DE ASSIS BATISTA

**DÉFICIT DE APRENDIZADO NOS PRIMEIROS ANOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: as dificuldades de aprendizagem na
leitura de alunos nas escolas do Campo**

João Pessoa – PB

2018

DEBORA DE ASSIS BATISTA

**DÉFICIT DE APRENDIZADO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: as dificuldades de aprendizagem na leitura de alunos
nas escolas do Campo**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio do Nascimento
Fonsêca

João Pessoa – PB

2018

Catálogo na publicação

Seção de Catalogação e Classificação

B333d Batista, Debora de Assis.

DÉFICIT DE APRENDIZADO NOS PRIMEIROS ANOS DO
ENSINO

FUNDAMENTAL: as dificuldades de aprendizagem na leitura
de alunos nas escolas do Campo / Debora de Assis Batista. -
João Pessoa, 2018.
29 f.

Orientação: Fábio do Nascimento Fonsêca.
Monografia (Graduação) -
UFPB/Educação.

1. Dificuldades de aprendizagem. Leitura. Educação do.
I. Fonsêca, Fábio do Nascimento. II. Título.

UFPB/BC

DEBORA DE ASSIS BATISTA

**DÉFICIT DE APRENDIZADO NOS PRIMEIROS ANOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: as dificuldades de aprendizagem na
leitura de alunos nas escolas do Campo**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Pedagoga.

Aprovado em: 05/11/18

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonsêca
Orientador (UFPB)



Profª Drª Ana Paula Romão de Souza Ferreira
Membro (UFPB)



Prof. Ms. Luciano de Sousa Silva
Membro (UFPB)

João Pessoa – PB
2018

Dedico este trabalho a minha mãe
Hilda Maria de Assis e ao meu
esposo Carlos Heriberto de Souza
Andrade.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e pela grande oportunidade de estar realizando este sonho, creio que sem sua presença em minha vida nada disso seria possível.

Agradeço também a minha mãe, Hilda Maria de Assis que sempre foi mãe e pai em todos os momentos da minha vida, agradeço também por sempre acreditar em mim e no meu sucesso profissional, me incentivando e me apoiando em meus estudos.

Agradeço as minhas irmãs Raquel Batista de Assis, Rejane de Assis Lima e ao meu irmão Rogério de Assis Lima; por contribuírem de forma indireta nos meus estudos.

Agradeço imensamente ao meu esposo Carlos Heriberto de Souza Andrade, por ter contribuído de forma direta para mais esta conquista em minha vida.

Agradeço de forma carinhosa aos amigos, Cicero Madeiro da Costa, Antônio Serafim e Severo Felix, por estarem presente nesta longa caminhada comigo, nas descontrações e contribuições de forma direta e indireta, a vocês meus amigos meu muito obrigada por tudo.

Agradeço a dedicação, com gestos e palavras motivadoras da Professora da Disciplina de TCC, a Professora e Dr^a Aurenisia Coutinho Ivo.

Agradeço de forma carinhosa e muito especial ao meu orientador, Professor Dr. Fábio do Nascimento Fonsêca, pelo incentivo, dedicação e paciência para construção e finalização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho constitui um estudo de natureza bibliográfica, acerca das dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental, e em especial no tocante à leitura, buscando, de maneira sucinta, apresentar o significado dessas dificuldades e suas implicações na escolarização das crianças. No desenvolvimento do trabalho, discute-se o papel da família e dos professores no enfrentamento destas dificuldades. Por fim, busca-se sinalizar as implicações destas dificuldades no contexto particular da educação do campo.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldades de aprendizagem. Leitura. Educação do Campo.

ABSTRACT

The present work is a bibliographical study about the difficulties of learning in the initial grades of elementary school and, especialy, regarding reading, trying succinctly to present the meaning of these difficulties and their implications in the scholing of children. In developing this work, it discusses the role of the family and teachers in confronting these difficulties, Finally, it seeks to signal the implications of these difficulties, especially, in the contex of rural education.

Palavras-chave: Learning disabilities. Reading. Rural Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL	13
3 DIFICULDADES DE LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS.....	16
3.1 SITUANDO A QUESTÃO	16
3.2 A FAMÍLIA DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	19
3.2 O PAPEL DO PROFESSOR E DA FAMÍLIA DIANTE DA DIFICULDADE DA CRIANÇA NA APRENDIZAGEM DA LEITURA.....	20
4 AS DIFICULDADES DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	21
4.1 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO DO CAMPO	21
4.2 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

A iniciativa de realizar este estudo nasceu de inquietações pessoais em relação ao tema que se transformou em objeto de estudo do mesmo. Inquietações que surgiram desde as lembranças da minha trajetória escolar e que passaram pelas experiências vivenciadas desde o estágio supervisionado, durante a realização do Curso de Licenciatura em Pedagogia, com área de concentração em educação do campo.

O interesse pelas causas dos distúrbios de aprendizagem na leitura e a percepção do quanto são difíceis as práticas de leitura voltadas para educandos que apresentam dificuldades de aprendizagem causaram apreensão com as práticas identificadas em algumas instituições, levando ao questionamento acerca do papel das professoras junto ao processo de aprendizagem dos educandos que possuem dificuldades com a leitura, pois os alunos não tinham, nas experiências que testemunhamos, o suporte necessário para um melhor aprendizado.

Compreendemos que, na condição de estudante, é fundamental o interesse pela descoberta de respostas sobre as nossas inquietações, de maneira a buscar aprofundamento sobre o tema. Daí nasceu a iniciativa de realizar o presente estudo.

Transformar estas inquietações em objeto de estudo não foi uma tarefa fácil. Sistematizar o desejo de pesquisa a questão, transformando esse desejo em projeto de pesquisa, um roteiro para investigação, esbarrou em limites pessoais e limites decorrentes da própria estrutura do curso. Os limites pessoais, motivados pela necessidade de trabalhar, impuseram obstáculos em relação ao tempo para a leitura e para a escrita, bem como para a reflexão necessária ao trabalho de investigação. Os limites estruturais do curso se traduziram no fato de que, entre as disciplinas de pesquisa e a disciplina de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) há um hiato muito grande, que nos traz dificuldades na parte de instrumentalização e sistematização da escrita. Isto se agrava ainda pelo fato de que a maioria de nós, no curso, acaba por ter que construir as definições necessárias ao trabalho no mesmo semestre em que o TCC deve ser concluído e apresentado para defesa.

Em face da conjugação destas dificuldades (as pessoais e as decorrentes da estrutura do curso), não obstante a motivação, as inquietações e o interesse pela realização do estudo do tema escolhido, nos vimos obrigadas a optar por um estudo exclusivamente de natureza bibliográfica, sem a realização de pesquisa empírica no campo. Obviamente, isto traz limitações ao alcance e à profundidade do nosso trabalho. Entretanto, acreditamos que a reflexão que construímos aqui, dentro de nossos limites e possibilidades, constitui uma contribuição ao debate e posterior aprofundamento do tema.

Assim, debruçamo-nos sobre a questão das dificuldades de aprendizagem, como foco especial nas dificuldades de leitura, para tentar levantar as implicações desta discussão no âmbito específico da educação do campo. Deste modo, procuramos identificar as possíveis e eventuais repercussões da questão no contexto da educação oferecida às populações que vivem nas áreas do campo.

Assim, partimos, inicialmente da apresentação inicial do tema, destacando a importância e os significados da leitura, especialmente nas séries iniciais do ensino fundamental, sobretudo pelos impactos que podem trazer na sequência da escolarização das crianças que frequentam esta etapa da educação básica na escola pública.

Na sequência, passamos a discutir, de forma sucinta, a conceituação de dificuldades de aprendizagem e de dificuldades de leitura, suas manifestações e implicações na prática escolar. Dando prosseguimento, buscamos apontar as contribuições da família para o enfrentamento da questão, em colaboração com o trabalho dos professores na escola.

A partir das colocações relativas à contribuição da família, buscamos levantar o papel dos professores, no trato e enfrentamento da questão, de modo a propiciar aos alunos a superação das dificuldades relacionadas às dificuldades de aprendizagem e da leitura.

Por fim, tentamos estabelecer relações entre essas questões, levantadas inicialmente de uma maneira geral, com o cenário específico da educação do campo, em suas especificidades e peculiaridades. Para tanto, colocamos preliminarmente alguns elementos da história da educação do campo no Brasil, o debate em torno do conceito de educação do campo e a discussão em torno das especificidades e condições para a realização da prática educativa nas

escolas do campo. Em conclusão, apresentamos o entendimento de que as manifestações e implicações das dificuldades de aprendizagem e da leitura se tornam ainda mais agravadas no contexto particular da educação do campo.

Sabemos dos limites deste trabalho, decorrentes das condições já indicadas no início desta introdução. Por esta mesma razão, temos consciência de que o alcance de nossas reflexões não é muito abrangente e que provavelmente ficaremos a dever em termos de profundidade. Entretanto, esperamos que nossa modesta discussão se constitua numa provocação e num ponto de partida para que questões como as que foram tomadas aqui, cuja gravidades são ainda mais relevantes quando se trata da educação do campo, possam ser retomadas numa perspectiva de maior aprofundamento em estudos posteriores.

No entanto discorreremos o texto começando pela leitura no ensino fundamental que nos mostra a importância que a leitura traz na vida da criança, situamos a questão mostrando o papel da família diante das dificuldades de aprendizagem, em que envolve o papel da família junto com o professor diante das dificuldades da criança na aprendizagem da leitura, sabemos o quanto é importante a família se mostrar presente diante dessas dificuldades. Em seguida trazemos um conceito das dificuldades de leitura na escola do campo, fazendo uma breve contextualização da Educação do Campo, mostrando suas raízes e como de fato se nasceu a história da Educação do Campo, em seguida mostro as dificuldades de aprendizagem e de leitura na Educação do Campo.

2 A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

A leitura tem uma grande importância, e proporciona descobertas na vida de todos. Consequentemente, quando falamos em leitura logo nos vem em mente livros. No entanto, a leitura não é somente de livros, mas sim do cotidiano de qualquer criança, não deixando de lado que o ato de ler está relacionado a palavras escritas e nós leitores somos interpretados como decifradores das letras. Sabemos que o ato de ler proporciona aos alunos a entrada para um mundo cheio de descobertas. Ao trazer o aluno para o universo da leitura, estamos ajudando-o a desenvolver a sua capacidade de percepção do mundo, pois a leitura o ajudará a conhecer o seu cotidiano. Com a ajuda do professor, a leitura poderá desenvolver a criatividade, para melhorar suas habilidades. Nas palavras de Loyola (2001),

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (1982, p.59).

A criança, mesmo não percebendo, está rodeada de um mundo de leitura. Sabemos que a leitura é ponte para um processo de um maior aprendizado. Entretanto, as realidades das escolas públicas evidenciam uma “crise de leitura”. Noutras palavras, é precária e malconduzida; os livros didáticos não são estimulantes. Noutras vezes, a leitura é feita de modo mecânico, obrigatório, fazendo com que o aluno veja a leitura de forma negativa, tirando o prazer da leitura e fazendo da mesma apenas uma atividade de decodificação de palavras. A este respeito, os PCNs afirmam que:

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade (BRASIL, 1997, p. 26).

Os PCNs (Parâmetros do Curriculares Nacionais), particularmente no volume dedicado à Língua Portuguesa, deixam bem claro que existe algo nas instituições públicas de ensino, pois muitos professores não ensinam seus alunos a terem o hábito da leitura, ou muitas vezes não ensinam a seus alunos

a ler, comprometendo o desenvolvimento de habilidades e competências que serão essenciais na sequência de seu processo de escolarização.

É lendo que nos tornamos leitores e não aprendendo primeiro para poder ler depois. Não é legítima instaurar uma defasagem nem tempo, nem na natureza da atividade entre aprender a, “ler é ler”... Não se ensina a ler com a nossa ajuda... A ajuda lhe vem do confronto com as proporções dos colegas com quem está trabalhando, porém é ela quem desempenha a parte inicial de seu aprendizado (JOLIBERT, 1994, p. 14).

Segundo Freire (1982), a leitura deve ser mostrada de modo que a criança compreenda e goste do que está lendo, pois em algumas instituições de ensino, as crianças, muitas vezes, não compreendem o que está sendo lido e o professor mediador não procura saber o grau de dificuldade que aquela criança apresenta. É de suma importância que a criança tenha gosto pela leitura e pela busca das palavras, tornando o ato da leitura e da escrita intensa e interessante. De fato, se os próprios professores se limitam a expor suas aulas somente com o conteúdo apresentado nos livros didáticos, sem associar a cultura e o cotidiano do aluno em suas aulas, isto levará o aluno limitado em simplesmente ler porque tem que aprender, e não ler o que gosta ou porque gosta, ou pelo menos compreender que de fato pode ler o que gosta.

Conforme Antunes (2008), é indispensável que o ensino seja contextualizado. Em outras palavras, relacionar o conteúdo escolar às experiências do dia a dia do aluno. Assim, o processo de leitura e escrita se tornará mais envolvente. .

Além disso, nas palavras de Sandroni, “andar entre livros” é a condição essencial da educação literária das novas gerações (2007).

Por conseguinte, o desenvolvimento desse trabalho se norteia numa visão na qual o aprendizado se constrói no interior de contextos históricos, sociais e culturais. Logo, o conhecimento que o aluno traz consigo é ponto de partida para o seu desempenho. Em outras palavras,

A língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetos em cada circunstância, mas não construindo tudo como se fosse uma pressão externa pura e simples (MARCUSCHI, 2008).

Entretanto, o trabalho com a leitura em sala de aula, além dos limites estruturais que marcam o cotidiano da escola pública e que respondem pela precariedade de condições de trabalho que acabam por dificultar a tarefa do professor, esbarra, ainda em dificuldades relacionadas ao próprio processo de ensino aprendizagem, ou, de modo mais específico em dificuldades de aprendizagem que se tornam obstáculo à exploração plena das potencialidades da leitura. É sobre isto que trataremos no próximo capítulo.

3 DIFICULDADES DE LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

3.1 SITUANDO A QUESTÃO

Souza e Sisto (2001), definem como sendo a dificuldade de aprendizagem aquelas situações nas quais o estudante não atinge o mínimo de aprendizado para sua idade ou os conteúdos pedagógicos propostos para sua faixa etária. Para as autoras, em decorrências dessas dificuldades a criança pode apresentar sentimentos negativos como tristeza, insegurança e inferioridade, podendo levar futuramente até ao abandono da escola

Outros autores, como é o caso de Taya (2003), definem que o transtorno de aprendizagem é uma disfunção neuropsicológica, que causa dificuldades que impedem o funcionamento regular do cérebro em ampliação. Assim, de acordo com Taya, trata-se, pois, de uma dificuldade de maturação e no desenvolvimento neuropsicológico. A autora descreve os seguintes transtornos de aprendizagem: *disfasia* (distúrbio de articulação, dificuldade na emissão dos sons da fala), *dislexia* (falha no processamento da habilidade da leitura e da escrita) , *disgrafia* (deficiência na desenvoltura de escrever em termos de caligrafia) , *discalculia* (problemas característicos com matemática, medida, tempo entre outros) e *transtorno não verbal do aprendizado* (transtorno específico de aprendizagem caracterizado por dificuldades em diferente seguintes áreas).

A expressão dificuldades de aprendizagem diz respeito a um conjunto de transtornos encontrados em crianças em idade escolar que estão ligados a alguma desordem na aprendizagem geral de cada uma, que vem de alguma aquisição que possivelmente pode estar relacionada da aquisição e uso da escrita, fala, leitura, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses pontos encontrados nas crianças não trabalhado em suas formações iniciais podem prolongar ao longo do ciclo vital de sua formação futura.

Para Ferreiro (1987), umas das principais Dificuldades de Aprendizagem também é a *dislexia*, a qual é definida como sendo a dificuldade de reconhecer os símbolos gráficos, desde o início do processo de alfabetização. Ferreiro também afirma que a dislexia é um distúrbio específico de linguagem, podendo ser considerado o distúrbio mais comum da aprendizagem (FERREIRO, 1987).

Acerca das dificuldades de aprendizagem, Ferreiro e Teberosky assinalam que o processo de aprender requer a aquisição de novas habilidades, o que se constitui de novos desafios para a criança, no tocante ao conhecimento da linguagem. De acordo com as autoras, “aprender a ler é uma tarefa difícil e complexa, é difícil para todas as crianças e não apenas para aquelas que são disléxicas” (FERREIRO e TEBEROSKY. 1985 p. 8 a 12).

Tem sido recorrente, e pudemos constatar isso em nossos estágios, a queixa de que os alunos não demonstram motivação em relação a metodologia utilizada no ensino. Acerca disto, acreditamos que, em boa medida, isto decorre do fato de que as estratégias utilizadas pelo professor não levem em consideração o cotidiano do aluno, seu contexto, sua cultura. Com isto, os alunos se mostram indiferentes com relação à leitura de textos. Com isso, eles se tornam presos apenas à dimensão mecânica e instrumental da leitura, porém sua “leitura de mundo” não se aprofunda, prejudicando sua capacidade de interagir numa sociedade que exige um sujeito ativo e crítico, capaz, a partir da leitura, do domínio e da compreensão dos textos e da realidade. Por isso, é necessário que a leitura faça parte da cultura do educando, contribuindo significativamente na sua capacidade de compreender o mundo.

Em outras palavras, é indispensável que o discente, sobretudo nos primeiros anos do ensino fundamental, encontre na leitura o prazer e o combustível para a compreensão do mundo. É neste período que toda criança desenvolverá o gosto pela leitura para o resto de sua caminhada educativa.

É importante que todos os envolvidos no processo educativo estejam atentos às dificuldades apresentadas pelas crianças, observando se são momentâneas ou se persistem há algum tempo. As dificuldades podem advir de fatores orgânicos ou mesmo emocionais e é importante que sejam descobertas a fim de auxiliar o desenvolvimento do processo educativo, percebendo se estão associadas à preguiça, cansaço, sono, tristeza, agitação, desordem, dentre outros, considerados fatores que também desmotivam o aprendizado [ELLIS, 1995].

A dificuldade mais conhecida e que vem tendo grande repercussão na atualidade é a dislexia, que é a dificuldade que aparece na leitura, impedindo o aluno de ser fluente, pois faz trocas ou omissões de letras, inverte sílabas, apresenta leitura lenta, dá pulos de linhas ao ler um texto, etc. [ELLIS 1995]

A dislexia é um distúrbio que se caracteriza por um rendimento inferior ao esperado para a idade mental, nível socioeconômico e instrução escolar, e pode afetar os processos de decodificação e compreensão da leitura. É um distúrbio específico de leitura, ocasionado pela interrupção ou malformação nas conexões cerebrais que ligam zonas anteriores (lobo frontal) com zonas mais posteriores (lobo parietal e occipital) do córtex cerebral. Pode-se entender que os transtornos de aprendizagem apresentam em seu espectro os fatores genéticos como desencadeantes e os fatores psicológicos, pedagógicos, socioeconômicos e culturais como agravantes. De acordo Calafange (2004) e Martins (2003, p. 35):

O termo dislexia é aplicável a uma situação na qual a criança é incapaz de ler com a mesma facilidade com a qual leem seus iguais, apesar de possuir uma inteligência normal, saúde e órgãos sensoriais intactos, liberdade emocional, motivação e incentivos normais, bem como instrução adequada.

A questão do déficit de aprendizagem, especialmente em relação à leitura, no nosso modo de ver, precisa ser enfrentada pela sociedade. Esse tipo de problema é o mais comum na vida da criança, pois é a partir dessa etapa que ela começa a formar seus conhecimentos em relação ao mundo.

A leitura é algo extremamente importante na vida de um indivíduo. É a partir dela que ele poderá entender o mundo e buscar meios para avançar em sua vida, tanto pessoal quanto profissional

Muitos, porém, são os indivíduos que sofrem com dificuldades na aquisição e no desenvolvimento do hábito da leitura. Mais do que isso, sofrem com as consequências de tais dificuldades não serem devidamente trabalhadas em seu processo de aprendizado, nos primeiros anos do ensino fundamental. Nas palavras de Brilhante,

As dificuldades encontradas com relação à aprendizagem e ao sucesso escolar são muitas. Por um lado, há uma espécie de sentimento de culpa dos pais, que se cobram por não conseguirem atender às necessidades dos filhos, e do outro lado, os filhos sentem-se abandonados pelos pais nas suas necessidades, e põr fim a escola, que não consegue desempenhar o papel social para o qual foi designada (BRILHANTE, 2004, p. 28?).

O déficit de aprendizagem nos primeiros anos do ensino fundamental, se dá, de maneira mais frequente, em relação à leitura. Muitas vezes, esse

problema é ocultado e não enfrentado de maneira apropriada e os professores avançam na escolarização dos alunos, sem que tenham se cumprido todas as etapas processo de aprendizagem. Muitos esperam que os alunos possam melhorar em relação à leitura nos próximos anos de escolarização, isentando-se de responsabilidade.

Como se pode ver, trata-se de uma situação que, afetando as crianças, envolve, no seu enfrentamento, necessariamente o envolvimento da família e dos professores. Nos próximos tópicos, dedicaremos algumas palavras a estes dois segmentos em particular.

3.2 A FAMÍLIA DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Gripp e Faria (2014, p. 33), em seu estudo a respeito do papel da família no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem, assinalam que a mesma tem o poder de influenciar, seja positivamente ou negativamente, a manutenção dessas dificuldades. Na pesquisa realizada por elas, destacam que, de uma maneira geral, as mães assumem, por vezes, atitudes contraditórias. Se, de um lado, manifestam tristeza, frustração e ansiedade em face das dificuldades vivenciadas pelas crianças, expressam também, de outro lado, atitudes de apoio e reconhecem a importância das estratégias de intervenção desenvolvidas por diferentes profissionais, sejam da área de saúde e da educação, que podem atuar na escola no enfrentamento da questão. (2014, p. 33). Esse reconhecimento, ao lado das atitudes de apoio, reforçam a importância do papel da família no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem.

Nesta mesma direção, Souza e Meneghetti (2017), reconhecem também a importância da família na participação e apoio ao estudante com dificuldades de aprendizagem. De acordo com as autoras, a família e professores devem ser parceiros e atuar em harmonia, na busca de respostas e subsídios que favoreçam o acolhimento do estudante, tanto em casa como na escola, no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem.

Acerca do papel dos professores, indiscutivelmente, é fundamental buscar esta articulação com os pais. Entretanto, deve-se levar em conta também que precisa haver uma melhor qualificação dos professores, uma vez que, na maioria dos casos, em face de dificuldades de aprendizagem, especialmente aquelas

relacionadas à leitura e à escrita, se veem diante de situações para as quais não foram adequadamente preparados. É neste sentido que, no próximo tópico, dedicaremos algumas reflexões sobre o papel do professor.

3.2 O PAPEL DO PROFESSOR E DA FAMÍLIA DIANTE DA DIFICULDADE DA CRIANÇA NA APRENDIZAGEM DA LEITURA

Ao falar das dificuldades de aprendizagem Souza e Meneghetti (2017), ressaltam que o professor tem o papel de facilitador neste processo. Desse papel depende o resgate da trajetória da criança para uma aprendizagem de sucesso. Nepomuceno e Bridi (2010) apontam, entre os principais papéis do professor, a identificação da dificuldade vivenciada pela criança. De acordo com as autoras, cada criança em particular precisa ser investigada e compreendida de modo particular em suas dificuldades. Afinal, completam as autoras, cada aluno tem seu modo próprio de raciocinar. Conhecer essas diferenças, então, é uma tarefa fundamental a ser dominada pelo saber docente e desempenhada na condução da sala de aula.

Acerca do papel do professor, no trato com as dificuldades de aprendizagem, em especial no que se refere à leitura, Soares, Nogueira e Bueno (2017) ressaltam a necessidade de propor metodologias de aprendizagem diferenciadas que sejam capazes de superar as dificuldades e oferecer oportunidades e situações nas quais o aluno possa se relacionar com os textos e expor as suas próprias ideias ao mundo, participando de momentos coletivos e individuais de leitura, promovidos pela escola e reforçados pela família.

Percebe-se que o papel do professor é de suma importância. Entretanto, nem sempre a formação recebida e as condições com que conta o professor, no contexto da escola pública de uma maneira geral, são suficientes para dar conta desse desafio. Em se tratando das escolas do campo, esses desafios, como veremos no próximo capítulo, parecem ainda maiores.

4 AS DIFICULDADES DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

4.1 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Antes de tratarmos especificamente das dificuldades de aprendizagem, especialmente em relação à leitura, no âmbito particular da educação do campo, é importante contextualizar esta modalidade de educação. De acordo com o Dicionário da Educação do Campo (2012), a palavra Educação do Campo, surge da nomeação do fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas.

Ainda de acordo com o Dicionário da Educação do Campo (2012), o surgimento da expressão “educação do campo”, nasceu primeiro como educação básica do campo, no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizado em Goiás, de 27 a 30 de julho de 1998. A partir daí, passou a ser chamado educação do campo, através das junções de discussões do Seminário Nacional, realizado em Brasília de 22 a 29 de novembro de 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004.

Desta forma, a expressão educação do campo ganhou sentido, reafirmando os anseios esperados pelos movimentos campesinos e sociais que estão inseridos no campo. Nesta perspectiva, se reforçaram na Conferência os argumentos principais que dariam então a denominação campo e não mais meio rural, ficando assim estabelecido, que está sistematizado no Dicionário do Campo *apud*, Kolling, Nery e Molina (1999, p. 26):

[...] utilizar-se-á a expressão campo, e não mais usado meio rural, com o objetivo de incluir no processo da Conferência uma reflexão sobre o sentido atual do trabalho Camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência desse trabalho. Mas, quando se discutir a educação do campo, se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores do campo, sejam os camponeses, incluindo os Quilombos, as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados a vida e ao trabalho no meio rural[...] (DICIONÁRIO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2012).

A educação do Campo, que também já foi chamada de educação rural no país, é marcada pela exclusão e pelas lutas dos povos campesinos. A educação

do campo surge da necessidade de uma educação específica e de qualidade que atendesse aos anseios das populações campestres, no campo, mas, de uma solicitação e insatisfação da elite brasileira, em não aceitarem as migrações das populações do campo para a cidade, que iriam em busca de uma vida melhor para suas famílias, onde muitos se deparavam com a negação das populações das grandes cidades.

Mas, a educação do campo só ganha força a partir do século XX, no auge da expansão industrial e nas mudanças de governar o País, marcada pela tese, segundo Batista (2011):

A tese subjacente partia do pressuposto de que a construção de uma economia moderna exigia que o País formasse a mão de obra qualificada necessária para realizar a passagem da economia agroexportadora para a industrial e a constituição de uma mentalidade cultural grávida de civismo e espírito democrático (BATISTA, 2011).

Portanto, a educação e qualificação do homem do campo, surgiu da necessidade da transição de um modelo econômico que surgia no País, que eram as grandes indústrias, trazendo um novo cenário competitivo de mão de obra no País. Já no ano de 1932, com o manifesto dos pioneiros da escola nova, a educação do campo passa a ser reconhecida como um bem social. Todo cidadão passou a ter direito sobre a educação no País.

De acordo com a visão de Batista (2011), a educação do campo no Brasil, só ganhou força jurídica e financiamento a partir da Constituição de 1934, que estabeleceu as regras de financiamento para a União, Estados e Municípios, assim ficando:

A União, os Estados e os Municípios, aplicação nunca menos que dez por cento, e o Distrito Federal, nunca menos de vinte por cento da renda resultante dos impostos, na manutenção e no desenvolvimento dos sistemas educativos. §Para a realização dos ensinos nas áreas rurais, a União reservará, no mínimo, vinte por cento das cotas destinadas à educação no respectivo orçamento anual. (BRASIL, 1934, p. 156, parágrafo único.)

Dentro deste artigo, fica bem claro a responsabilidade da União para a educação rural no País, de o dobro para o financiamento para a mesma. Mas é sabido que, o fato da União financiar e assumir a responsabilidade sobre a educação para as populações do campo, veio através do desejo da elite

brasileira juntamente com o desejo do governo interiorizar e evitar as migrações das populações do campo para a cidade.

Não foi e não é fácil o acesso a uma educação de qualidade, pública e gratuita para as populações do campo. Nessa perspectiva, a educação do campo surge a partir dos preceitos de lutas dos trabalhadores do campo, pela busca constante de uma educação de qualidade que contemple a realidade vivenciada pelo homem do campo.

A escola do campo é toda escola localizada na zona rural ou àquelas localizadas na zona urbana que atendam estudantes provenientes do campo (BRASIL, 2001). Os espaços formativos direcionados para os educadores e educadoras do campo possuem uma perspectiva que perceba o campo enquanto um espaço com riquezas culturais e fundamentos importantes na história do Povo Brasileiro, e não mais como um “lugar do atraso” haja vista, anteriormente, quando se falava na terminologia “educação rural”. Essa percepção adveio de ações sistemáticas dos movimentos sociais do campo, entre estes, o Movimento dos Trabalhadores sem Terras (MST), constituído na década de 1990, que atualizou as bases sociais da luta no campo partir de um lugar histórico. Portanto, a constituição da luta pela terra é parte fundamental no currículo de uma escola situada no campo, à história da luta pela terra e de seus sujeitos constituem parte do currículo. Compreende-se, ainda, que os sujeitos do campo são considerados os povos agricultores, ribeirinhos, caiçaras, indígenas, quilombolas, quebradeiras de coco, atingidos por barragens etc (CALDART, 2004).

4.2 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

As especificidades e particularidades que caracterizam a educação do campo, como vimos no tópico anterior, impõem a necessidade de que os conteúdos de ensino aprendizagem para os povos do campo trabalhem uma didática significativa e contextualizada com a experiência de sua existência e meios de sua sustentabilidade. O que ficou conhecido como Educação Contextualizada, e que no caso, dos povos indígenas, designou-se Educação

Diferenciada, segundo as Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo (2002).

Atualmente, a educação do campo ainda é defasada, pela falta de material didático, infraestrutura ou falta de formação continuada específica para este público que atende aos povos do campo. É considerável os avanços, mas atualmente essa população sofre com as ações do próprio governo, como o fechamento de escolas, o remanejamento de alunos para longe de suas origens, castigando severamente essa parcela da população.

Os autores que se debruçam sobre as questões relacionadas às dificuldades de aprendizagem costumam destacar que as mesmas podem ser encontradas, no contexto brasileiro, em todos os anos escolares e em todas as idades. Diante dessa realidade, os problemas relacionados às dificuldades de aprendizagem, especialmente em relação à leitura nos primeiros anos do ensino fundamental, tornam-se ainda mais agravados, o que se evidencia na permanência dos elevados índices de analfabetismo nas áreas rurais, bem como por fenômenos como a evasão, visto que muitos alunos acabam por deixar de estudar ainda criança, em razão da necessidade do trabalho na roça. Por outro lado, os pais dessas crianças não têm muitas possibilidades de auxiliá-las nas tarefas da escola, seja pela falta de tempo, em razão da severidade de condições de trabalho no campo, seja pela pouca escolaridade predominante entre os mesmos nessas áreas.

Quanto aos professores que atuam na educação do campo, a realidade impõe desafios ainda maiores quando se trata do enfrentamento das dificuldades de aprendizagem, em especial no que se relaciona à leitura. O trabalho pedagógico cotidiano, quase sempre limitado pelas precárias condições de trabalho e pela escassez de recursos e material didático, já não dá conta dos desafios comuns e acaba por constitui-se num agravante para as dificuldades de aprendizagem e dificuldades relacionadas à leitura.

Acrescente-se que, neste contexto, a própria forma de oferta do ensino fundamental acaba por criar obstáculos ainda maiores em relação ao enfrentamento das dificuldades de aprendizagem e do trabalho com a leitura. Turnos intermediários e classes multi-seriadas, ainda bastante presentes na educação do campo, constituem um obstáculo a mais, face às necessidades de identificação das dificuldades e de atendimento individualizado aos alunos com

estas dificuldades. A isto some-se, ainda, os problemas relacionados à formação docente, que nem sempre contempla o enfrentamento desses obstáculos e limites.

Por isso, deve haver também um projeto específico para ser trabalhado com a realidade dos alunos que vivem nas áreas rurais e frequentam às escolas do campo. Além disto, é fundamental a construção de diálogos entre professores e pais, para que haja uma familiarização entre professor, instituição e a família dos alunos.

Com esses fatores e outros, poderemos melhorar a leitura de nossas crianças e estaremos diminuindo os obstáculos que marcam a educação dos povos que vivem no campo. Estaremos diminuindo o índice de analfabetismo no campo e contribuindo para a conquista de sua emancipação e para o exercício pleno de sua cidadania.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de fundamental importância a leitura na vida de uma pessoa. É com ela que vamos proporcionar às crianças o domínio das ferramentas para compreender e intervir no mundo, como pessoa, como cidadão e como trabalhador. O domínio das ferramentas da leitura é uma das formas com que se traduz uma educação de qualidade que permitirá às crianças traçar seu próprio futuro.

A questão das dificuldades de aprendizagem, sobretudo na leitura, constitui um desafio ao processo de escolarização, sobretudo nos primeiros anos da criança no ensino fundamental. Tem sido comum que, por muitas vezes, os professores não atentem devidamente para este problema, o que acaba agravando a situação, a medida em que se avança no processo escolarização da criança.

Obviamente, não se trata de responsabilizar as instituições de ensino ou professores, que não são fato os responsáveis pela questão. De igual modo, pais dos alunos também não devem, isoladamente, responder pelo enfrentamento da questão, sobretudo porque muitos dos pais não têm o conhecimento de como se desenvolve o seu filho na escola, e menos aqui do que possam significar as dificuldades enfrentadas pelos mesmos no processo de aprendizagem e na aquisição e desenvolvimento da leitura.

Pais e professores, no entanto, precisam se ajudar em relação a essas dificuldades, de maneira a que os primeiros apoiem e estimulem seus filhos e colaborem com o esforço dos professores. Estes, por sua vez, devem estar sempre atentos, de modo a perceber como cada aluno se desenvolve, de maneira a ser capaz de identificar e trabalhar as dificuldades apresentadas por cada aluno em particular.

Nossos governantes também são responsáveis, na medida em que cabe aos mesmos prover às escolas e aos professores das condições satisfatórias para um trabalho pedagógico que permita identificar, antecipadamente, dificuldades apresentadas pelos alunos, na aprendizagem em geral e na leitura, em particular, de maneira a, precocemente, intervir no enfrentamento da dificuldade e no acompanhamento do desempenho do aluno.

Tudo isto passa pela tomada da educação pública como prioridade, por parte dos governantes, da valorização e da capacitação dos professores para lidarem com esses desafios e pelo estímulo aos pais para participarem da vida escolar das crianças. Essa conjunção de fatores certamente contribuirá para o enfrentamento das dificuldades, de modo especial, na aprendizagem da leitura. Neste particular, é fundamental compreender e enfrentar os desafios próprios da educação no campo, onde fenômenos como o que é estudado neste trabalho assumem feições ainda mais delicadas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. **Movimentos Sociais, estado e políticas públicas de educação do campo: pesquisa e práticas educativas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2011.

BRASIL. Resolução 02/1998 da CEB/CNE, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, DF.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

ELLIS, Andrew W. **Leitura, Escrita e Dislexia: uma análise cognitiva**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FERREIRO, E.e TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, A. e PALÁCIO, M. G. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: ARTMED, 1987.

FRANCELINO, Pedro Farias. **Linguística Aplicada á Língua Portuguesa: Reflexões Teóricos-Metodológicas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

FREIRE, P. **Considerações em torno do ato crítico de estudar**. In: FREIRE, P. Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GRIPP, Gabriela Schuch; FARIA, Evelise Rigoni de. **A família diante da dificuldade de aprendizagem da criança**. Universo Acadêmico, Taquara, v. 7, n. 1, jan./dez. 2014.

JARDIM, W, R. S. **Dificuldades se Aprendizagem no Ensino Fundamental: Manual da Identificação e inversões**, São Paulo: Loyolas, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENEGHETTI, Ana Cláudia Figueiredo; Souza, Fernanda. **Dificuldade de aprendizagem escola, família e comunidade como grandes aliados e formação do autoconceito**. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/TCC-Ana-Claudia-Figueiredo-Meneghetti.pdf>> Acesso em 20 de set. 2018.

SOUZA, Adriana Regina Marques de; SISTO, Fermino Fernandes. Dificuldades de aprendizagem em escrita, memória e contradições. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 5, n. 2, p. 39-47, jan./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v5n2/v5n2a05.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

TAYA, S. R. **Definição dos transtornos de aprendizagem**. Texto integrante do curso de extensão - (re) habilitação cognitiva e novas tecnologias da inteligência da Faculdade. Ruy Barbosa, 2003